

Personagens

FANTOCHES

LAVADEIRAS

D. JOÃO VI

CARLOTA JOAQUINA

DUDU

ATORES PARA INTERPRETAR

D.JOÃO VI

CARLOTA JOAQUINA

MINISTRO

DUDU

LAVADEIRA /CURANDEIRA

E TAMBÉM

MÚSICOS

CORO DE CRIANÇAS

NO PALCO DOS FANTOCHES OUVIMOS UMA CANTORIA, AINDA SEM QUE AS LAVADEIRAS APAREÇAM.

LAVADEIRA 1: (OFF) Lá em baixo tem um tiro liro liro, lá em cima tem um tiro tiro lá... lá em baixo...

LAVADEIRA 2: (OFF) Juntaram-se os dois na esquina...

JUNTAS: Dançaram....

ELAS APARECEM E SE ESBARRAM.

LAVADEIRA 1: Bom dia, Maria Joana.

LAVADEIRA 2: Bom dia, Joana Maria.

LAVADEIRA 1: Muita roupa pra lavar?

LAVADEIRA 2: Demais, tenho um cesto maior do que eu. Olha cá isso aqui...

ELA MOSTRA UMA GRANDE TROUXA DE ROUPA. BEM GRANDE.

LAVADEIRA 1: Eu te ajudo, amiga, dá cá essa roupa...Sabes da última?

LAVADEIRA 2: E como é que haveria de saber? Pois se não saio desse tanque.

Ela sussurra no ouvido da outra.

LAVADEIRA 1: Imaginas que D. João, e toda a corte de Portugal, estão para chegar. Vão se mudar pra cá, para o Brasil, de mala e cuia.

LAVADEIRA 2: De mala e cuia? Jura? E como vão trazer tanta mala, e tanta cuia?

LAVADEIRA 1: De navio, ó pá. Vem tudo pelo mar...Pelo ar é que não haveria de ser, pois se ainda não inventaram os aviões... Mas por favor, não conte a ninguém! É top secret!

LAVADEIRA 2: (ALTO) Dom Joãozinho está para chegar! Nem acredito... Tenho um retrato dele sempre comigo! Sou louca por Dom João...

LAVADEIRA 1: Pssii...baixo, calada. Porque isso é segredo de estado.

LAVADEIRA 2: Segredo de estado? Mas por que?

LAVADEIRA 1: Porque ele vem, digamos assim, "ESCAPULIDOS" de Portugal.

LAVADEIRA 2: Fugidos de quem?

LAVADEIRA 1: Não interessa. Mas se por acaso vires um francês de bobeira, não conte nada, não comente nada, entendeu? Porque é deles que Dom João está fugindo.

LAVADEIRA 2: Só porque eles não parecem gostar muito de tomar banho?

LAVADEIRA 1: Pssi...nada disso. São questões de estado. Briga de poder. Napoleão quer dominar o mundo, sabia não? E os portugueses não querem ser dominados por eles.

LAVADEIRA 2: E os ingleses? Eles também estão contra nós?

LAVADEIRA 1: Não! No momento, eles é que estão do nosso lado. São os nossos aliados. Mas o que isso vai custar lá na frente, isso não sei dizer... Vamos lavar?

LAVADEIRA 2: Lavar e cantar. Que é isso que sabemos fazer. Passe-me cá as camisas, e os cuecões. Mas, me diga uma coisa, Maria Joana. Se eles já estão ao mar, quanto tempo será que demoram pra chegar?

LAVADEIRA 1: Não sei responder, Joana Maria. Depende das ondas. Se jogar pra cá, se jogar pra lá...Vamos aguardar...

ELAS VÃO CANTANDO ATÉ QUE SOMEM. AO FUNDO, VEMOS O MAR REVOLTO, E EM SEGUIDA, A NAU QUE TRÁS DOM JOÃO. ELE E DONA CARLOTA APARECEM NO CONVÉS. DONA CARLOTA MUITO ENJOADA, SE JOGA PRA LÁ E PRA CÁ.

D. JOÃO: Carlota, Carlota minha rainha, já vejo um pontinho de terra.

CARLOTA: Finalmente, já se fazem dois meses, e lá vai. Tu disseste que na ia demorar... Nunca cumpres o que promete.

D. JOÃO: Ora Carlota, tenha um pouco de paciência.

CARLOTA: Por enquanto, a única coisa que consigo ter é enjojo, e na cabeça esses malditos bichinhos, que não param de pular. Preferia mil vezes ter resistido. Sair assim fugida, desse jeito, é vergonhoso. O que vão pensar de mim em Espanha, minha terra natal?

D. JOÃO: Não importa, não é vergonha o que fizemos. Preferias então, ser prisioneira de Napoleão?

CARLOTA: Quem disse que aquele nanico ia ser capaz de nos pegar?

D. JOÃO: Claro que ia... Não ouviste? O General Juntot já está às portas de Portugal. Ainda bem que saímos pelos fundos...

CARLOTA: Preferia enfrentá-lo com armas, a viver exilada nessa selva. O que vai ser de nós por aqui? Teremos a companhia de leões e macacos na nossa mesa de jantar? Será que teremos ao menos uma mesa de jantar? Ou vamos ter que viver e nos

comportar como selvagens? Não fui criada para isso. Sei dançar, cantar, estudei línguas... Tudo isso pra que? Pra me tornar uma princesa sem reino...

D. JOÃO: Não, Carlota, pelo contrário. Agora sim, tens um reino. E ficarás conhecida no futuro como a princesa do Brasil.

ELA COÇA A CABEÇA.

CARLOTA: A princesa dos piolhos do Brasil, isso sim...

VOZ OFF: Terra a vista, D. João! Terra a vista!

D. JOÃO: Isso até eu já percebi. Parece que descobriram a pólvora. Vamos entrar, Carlota. O navio já vai aportar...

O NAVIO SOME. VOLTAMOS PARA AS LAVADEIRAS.

LAVADEIRA 1: Olha lá, Maria, são eles, são muitos navios. Estão chegando...

LAVADEIRA 2: Finalmente, é hoje o grande dia!

ELAS ACENAM PARA O NAVIO COM AS ROUPAS LAVADAS, COMO SE FOSSEM BANDEIRAS.

LAVADEIRA 2: Tomara que Dom Joãozinho goste daqui, e que tenhamos um bom rei, e uma boa rainha! E que o Brasil finalmente seja descoberto....

LAVADEIRA 1: Já não era sem tempo...Trezentos anos após a chegada de Cabral...

ENTRA D. JOÃO EM PESSOA E JÁ EMENDA.

D.JOÃO: Trezentos anos após a viagem de Cabral, e após dois meses no mar, finalmente aportamos. Oito naus, cinco fragatas, e 30 navios mercantes. Escoltados por quatro navios britânicos, com mais de 10 mil nobres a bordo...

ENTRA DONA CARLOTA DE TURBANTE NA CABEÇA, AINDA A SE COÇAR, E COMPLETA. ELA TEM NAS MÃOS DEDOCHES QUE REPRESENTAM OS SETE FILHOS.

CARLOTA: Coitadinhas das crianças, tão pequenos e já com um destino tão desgraçado. Como é que vou criá-los no meio desses selvagens?

D. JOÃO: Não fale assim, mulher. Eles podem se ofender.

CARLOTA: Não estou nem aí...Primeiro a Bahia, agora isto aqui. Como hei de sobreviver nessa terra de infortúnios? Cá estamos, uma corte fugida, com nobres assustados, enjoados e empiolhados, sem outra opção do que se instalar por aqui nessa terra desconhecida. Num raio de quilômetros, não vejo nenhum sinal de civilização.

Trouxemos um pouco de tudo. Foi melhor assim...porque aqui, pelo visto, não haverá o que comprar. Por isso, trouxe um par de sapatos para cada dia do ano...

D. JOÃO: Pra que tanto, minha princesa?

CARLOTA: Porque me faz bem. A alma e aos pés. Mas onde estão as bagagens? Não vejo nada por aqui...

O PRIMEIRO MINISTRO ENTRA, SE DESCULPANDO, FAZENDO MESURAS.

MINISTRO: Desculpem, senhores, mas na pressa, muitas bagagens foram trocadas.

D. JOÃO:Faltou de tudo um tanto nessa viagem. Até as velas dos navios foram transformadas em roupas e camisas, a água era pouca e de péssima qualidade.

CARLOTA: Isso quer dizer que estou sem roupas para trocar?

D. JOÃO: Calma que tudo vai se acertar...

CARLOTA: Tu só prometes, João. Então chame imediatamente as lavadeiras, e que pelo menos ela me lavem muito bem esses trapos imundos, e usem muito desinfetante...

ELA COMEÇA A TIRAR UMA PARTE DAS ROUPAS. AS LAVADEIRAS ENTRAM.
CARLOTA VAI TIRANDO AS ROUPAS E JOGANDO PARA AS MOÇAS.

CARLOTA: Levem esta, e mais esta, e mais esta. E não economizem sabão, compreenderam, pessoinhas?

ELAS FAZEM UMAS MESURAS E VÃO SAINDO JUNTO COM CARLOTA, QUE SAI RESMUNGANDO, PRATICAMENTE COM AS ROUPAS DE BAIXO. D. JOÃO FICA SÓ, DESABAFANDO.

D. JOÃO: Pelo visto, não vai ser nada fácil. Por um lado, perseguido pela França, e do outro, pressionado pelos Ingleses, fui obrigado a fugir, mas que fique bem claro que não fiz isso por covardia e sim porque achei mais sensato. Não poderia expor todo o meu povo aos desmandos enlouquecidos de Napoleão. A guerra não traz lucro a ninguém, mas tudo tem um preço. Ao dar as costas a velha Europa, me vi diante de um desafio que pode ser maior do que eu. Sei que vão falar de mim pelas costas, mas prefiro ser um rei vivo e ainda livre, nessa terra desconhecida a ter que me submeter aos desditos de Napoleão. Vivo numa corda bamba, no meio de crises políticas que estouram de todos os lados, com uma Rainha Mãe que infelizmente está cada dia mais louca e ainda tenho Carlota que não larga do meu pé. Preciso agradar a todos, mas quem pode agradar a mim? Como consolo, resta-me a música e as plantas. Quem sabe, farei daqui o meu jardim?

MÚSICA, DANÇA, D. JOÃO GOSTA DO QUE VÊ, CHEGA A SORRIR. EM SEGUIDA, O PRIMEIRO MINISTRO ENTRA. A MÚSICA ACABA, ELE DISPERSA OS MÚSICOS (HOMENS DO POVO)

MINISTRO: Com licença... Acabou o recreio... Sua majestade tem muitas decisões a tomar.

D. JOÃO: Mas já? Preferia antes fazer um lanchinho. Por acaso, aqui já se fazem aquelas maravilhosas coxinhas de galinhas?

MINISTRO: Não sei, mas vou providenciar algo de comer... Enquanto isso, é preciso decidir onde iremos acomodar todos os nobres que vieram nos navios...

D. JOÃO: Como assim? Isso não foi acertado de antemão? Não havia uma logística para resolver o assunto?

MINISTRO: A lógica, meu rei, é acomodar os nobres para cá, no centro, e os brasileiros pra lá...Onde melhor lhes aprouver. Afinal, cabe a eles nos receber muito bem. É só o senhor decretar.

D. JOÃO: E qual a sua proposta?

MINISTRO: Vou escolher as melhores casas, e colocar um PR na porta. Príncipe Real. Isso basta.

Ministro estende um papel e uma pena para D. João que assina.

D. JOÃO: Que seja então...

ELES SAEM, VOLTA PARA AS LAVADEIRAS, COMENTANDO O ATO ENQUANTO TRABALHAM.

LAVADEIRA 2: Passa cá o sabão, Maria Joana! Quer dizer então que quem acordar com um PR na porta de casa, tem que entregar sua casa a alguém da corte real?

LAVADEIRA 1: Isso mesmo. Príncipe real uma ova, esse PR quer dizer, ponha-se na rua, e tenho dito!

LAVADEIRA 2: Mas isso não é justo!

LAVADEIRA 1: E não é mesmo! Maria! Olha lá! Tem mais um barquinho chegando! E tem alguém dentro dele...Deve ser o último...

DUDU BONECO APARECE, SACODE A CABEÇA RESPINGA ÁGUA NAS MOÇAS.

DUDU: E os últimos serão os primeiros. Que terra mais linda, que exuberância!

LAVADEIRA 1: Está falando de nós?

DUDU: Estou me referindo a natureza. Que maravilha!

LAVADEIRA 2: E quem é o senhor?

DUDU: Sou um homem das ciências e também um botânico, alquimista, e estudioso de novas espécies nas horas vagas...

LAVADEIRA 1: mas o que o traz aqui, nesse fim de mundo?

DUDU: Aí é que está. Porque dizer que aqui é o fim de mundo? Eu discordo. Na minha opinião, aqui é que está o começo do mundo. Por isso vim de tão longe, para confirmar uma teoria que há anos venho desenvolvendo.

LAVADEIRA 2: E que teoria é essa?

DUDU APARECE EM CENA.

DUDU: A de que o Futuro de todos nós está conectado com a natureza. Foi para isso que vim de tão longe. E a minha cabeça está fervendo de ideias!

Dudu faz uma mágica, as lavadeiras adoram, aplaudem.

LAVADEIRA 2: Porque você não se apresenta para D. João?

DUDU: O príncipe de Portugal? Será que D. João ia gostar dos meus números?

LAVADEIRA 2: Pois é claro que sim, Se ele é como dizem, um rei justo, e que também aprecia as artes...ele ia gostar de te conhecer.

DUDU: Pode ser uma boa ideia...

LAVADEIRA: Pois então, vá até o palácio Real. Ele deve estar lá, a despachar. O homem não faz outra coisa...

DUDU SAI, CAMINHA PELAS "RUAS" COM OS MÚSICOS REPRESENTANDO O POVO DAS RUAS. BATIDA DE CAPOEIRA OU ALGO NO GÊNERO. ENQUANTO ISSO, NO PALÁCIO, O MINISTRO ANOTA, D. JOÃO DITA.

D. JOÃO: Vamos construir uma fábrica de pólvora. Isto é muito importante...

MINISTRO: E onde será?

D. JOÃO: Quero que seja naquelas terras do Engenho de Rodrigo de Freitas, que tem a Lagoa. Achei o local muito interessante. Compreendeste? Pode mandar comprar.

MINISTRO: Pelo preço que for?

D. JOÃO: Sim, contanto que seja um preço justo. Pois que de trouxa não tenho nada. Não sou mão de vaca, como dizem por aí, mas também não abro a mão com facilidade, compreendeste?

MINISTRO: Sim senhor meu rei.

D. JOÃO: Ainda temos mais a despachar?

Ministro desenrola uma folha enorme. D. João suspira

MINISTRO: Isto é apenas o começo...

D. JOÃO: Não esqueça que precisamos fundar, uma academia militar, e uma da marinha, instalar indústrias, e quero também um observatório astronômico e no futuro um museu mineralógico...

MINISTRO: (ANOTANDO) Precisa mesmo do museu?

D. JOÃO: Pois se eu disse, então precisa.

CARLOTA ENTRA.

CARLOTA: Meu amor, o dinheiro está muito curto. Tenho que ir as compras com as crianças. Nenhuma delas tem o que vestir, só trapinhos...coitadinhas...

D. JOÃO LHE ESTENDE UM SACO DE MOEDAS, ELA OLHA DENTRO, RECLAMA.

CARLOTA: Mas só isso? Não vai dar nem para a saída...Preciso de muito mais.

D. JOÃO: Quanto mais?

CARLOTA: No mínimo, o dobro. Melhor seria o triplo. Apenas para esta semana, é claro.

D. JOÃO: Tudo isso?

ELE EXAMINA OS BOLSOS VAZIOS.

D. JOÃO: Tem mais algum aí, ministro?

MINISTRO: Infelizmente, estou sem lastro.

D. JOÃO: Nem com o salário astronômico que lhe pago? Desse jeito...vou ser obrigado a fundar um banco.

CARLOTA: Que ótima ideia, meu amor. Você vai fabricar dinheiro? Pois então, que fabrique muito...

MINISTRO: Acho a ideia estupenda. Existem pouquíssimos bancos no mundo. Parece que apenas três.

D. JOÃO: Pois então, fundemos o nosso, mas com muito cuidado, para não haver desfalques, nem desvios...

CARLOTA: E como é que se chamará o banco?

D. JOÃO: Vamos pensar, temos que amadurecer a ideia... Que tal, banco das terras do Brasil?

CARLOTA: Prefiro apenas Banco do Brasil, e assim que estiver pronto, faço questão de usar o primeiro talão de cheques... Com licença.

CARLOTA SAI.

D. JOÃO: Ministro, vamos interromper o trabalho. Vou almoçar.

ELE VAI SAINDO, O MINISTRO VAI ATRÁS.

MINISTRO: Mas sua majestade, ainda temos tanto a fazer...

D. JOÃO: Saco vazio não fica em pé. Vamos fazer uma boquinha...Depois continuamos.

ELES SAEM. DUDU EXAMINA UMAS PLANTAS. PODEM SER VIDROS COM SEMENTES, MUDAS DE TAMANHOS DIFERENTES, ALGO SIMPLES, MAS QUE EVOQUE EXPERIÊNCIA E ESTUDO. DUAS CRIANÇAS O AJUDAM A REGAR E ARRUMAR AS PLANTAS.

DUDU: E o que mais eu poderia levar ao rei, que o impressionasse? Essa muda aqui, trazida das Ilhas Maurício? Ou então... essa que trouxe das Ilhas Caiena? Poderia ser... essa aqui, ou esse...São tantas. E muitas delas têm efeitos medicinais. A arnica, por exemplo, ajuda a curar quando se sofre uma queda, ou uma pancada. A alfazema cura a insônia, a catuaba é ótima para memória fraca, sono agitado e desânimo. E o manjerição é excelente contra gases, tosse, inflamação além de ser um delicioso tempero, que vai combinar muito com a pizza, quando ela for inventada...Como eu ia dizendo.... Isso aqui é mais valioso do que o ouro, porque o ouro enriquece, é verdade, mas não cura. Acho que D. João vai gostar dessa aqui... Ou dessa. Ou dessa. Fiquei confuso.

ENQUANTO ESCOLHE, ELE TROCA UMA PLANTA POR OUTRA, NUMA BRINCADEIRA. DÁ PARA AS CRIANÇAS SEGURAREM MAS MUDA DE IDEIA E VAI TROCANDO OS VASOS, COMO SE FOSSEM MALABARES. SE DIRIGE AS CRIANÇAS.

DUDU: Qual você escolheria?

CADA UMA DAS CRIANÇAS APONTA PARA UMA PLANTA DIFERENTE. DUDU, CADA VEZ MAIS CONFUSO, TERMINA FAZENDO UNIDUNITÊ.

DUDU: Unidunitê, salamê, mingüê, um sorvete colorê...

DUDU ANIMADO, FALA COM O REGADOR NAS MÃOS E VAI MOLHANDO AS CRIANÇAS QUE ESTÃO SENTADAS NA FRENTE.

DUDU: Essa aqui. Sementes de calêndula, a flor do sol. E que também deu origem a palavra calendário... Sabiam? E junto com a semente, farei uma proposta ao rei. Uma proposta tão ousada que nem me atrevo a falar. E porque as paredes têm ouvidos, embora aqui não tenha paredes... Porque se essa sementes possuem todos esses atributos! Adoro essa palavra, atributos! Então, imaginem quantas espécimes mais no planeta nós ainda não conhecemos, mas precisamos conhecer? Por isso é preciso cultivá-las, regá-las... (ELE AS MOLHA) Tenho certeza de que no futuro, com a ajuda dessas plantas, nós poderemos descobrir coisas incríveis como...um remédio para curar a calvície por exemplo, não que a minha me incomode, mas será uma descoberta muito importante, ou então, um repelente contra insetos indesejáveis. (MATA UM MOSQUITO NO AR) e por aí vai... Quem sabe, num grande jardim...Chega de conversa, vamos agora encontrar El rei!

ELE SAI FELIZ, VINHETA MUSICAL. VOLTA PARA D. JOÃO, ENFADADO, DISCUTINDO COM O MINISTRO.

D. JOÃO: Paciência tem limite, e a minha está chegando ao fim. Já abri os portos as nações amigas, formei um ministério, incentivei a criação de indústrias, muito em breve vou atacar a Guiana francesa, vou também fundar escolas e bibliotecas, trouxe mais de dez mil livros raros no bagageiro. Agora temos que ensinar esse povo a ler, e colocar ordem na casa, que é sua função. E enquanto isso, eu descanso um pouco, pode ser?

MINISTRO: Mas e a política externa? E os portugueses? A pressão internacional, o Banco que ainda não está pronto? Falta muita coisa ainda, meu rei. Esse lugar está longe de ser considerado um reino habitável...

D. JOÃO: Mas se até Deus descansou ao criar o mundo, porque eu também não tenho esse direito? Estou sendo pressionado por todos os lados, mas eu não fujo da raia, ao contrário do que dizem. Nasci no dia 13 de maio, sou do signo de touros, um tipo com os pés no chão, e entendo que diante de determinadas circunstâncias mais vale entregar os anéis do que perder os dedos, percebeste? Também preciso de um tempo pra mim. Há quanto tempo não cuido de minhas plantas, não posso dar um passeio no meu jardim, sinto falta de uma boa música... Eu não pedi para ser rei. Que culpa tenho eu, se meu pai morreu, se meu irmão, Dom José, a quem esse trono era destinado, também partiu antes da hora prevista? E além de tudo, ainda carrego o fantasma de minha mãe que enlouqueceu? E se agora me chamam de covarde, no futuro sei que haverão de me dar uma segunda chance, e quem sabe, irão redimir minha honra. Mas por favor, parem de me pressionar!

VOZ EM OFF DE CARLOTA.

CARLOTA: (OFF) Ó João, esse banco do Brasil, sai ou não sai? Tens mais um dinheirinho aí pra mim?

D. JOÃO FAZ UMA CARA FEIA...DUDU VAI ENTRANDO.

DUDU: Com licença...senhores, senhoras, senhoritas, senhoritos....

MINISTRO: Quem é o senhor, posso saber?

DUDU: Vim me apresentar ao rei e trouxe essa muda de presente.

MINISTRO: Ora, uma mudinha...? Apenas isso? Não achas um presente um pouco singelo demais?

D. JOÃO: E o que é, posso saber?

MINISTRO: Majestade, por favor, não perca seu tempo com esse tipo de gente...

DUDU: Como assim, esse tipo de gente? Por acaso o senhor me conhece? Posso falar direto com o rei?

MINISTRO O IMPEDE, FICA NA FRENTE. DUDU NÃO CONSEGUE SE APROXIMAR.

MINISTRO: O senhor por acaso, marcou hora?

DUDU: Não, mas...

MINISTRO: Sem hora marcada, nada a fazer...

CARLOTA GRITA EM OFF.

CARLOTA: (OFF) D. João, venha cá! Venha me ajudar! As crianças estão impossíveis! E os filhos também são seus!

D. JOÃO: Com licença... Preciso me retirar.

DUDU: Mas, D. João, eu só queria um minutinho da sua atenção.

D. JOÃO: Não posso fazer nada, são as prioridades. Passar bem...

D. JOÃO SAI.

MINISTRO: Quer deixar comigo a plantinha, antes de sair?

ELE ESTENDE OS BRAÇOS PARA PEGAR, MAS DUDU RECOLHE A PLANTA.

DUDU: Claro que não. Eu volto outro dia...

MINISTRO: Pois se eu fosse você, não perdia tempo. Você não é prioridade...

DUDU: Mas o que é prioridade por aqui?

Música Ministro

Prioridade é saber o que dá lucro
É transformar em moeda,
É carregar um tesouro.
É saber multiplicar o ouro.
É agradar os poderosos,
Adular os invejosos
E não pensar no amanhã.
Prioridade é saber levar vantagem
E não dar satisfação.
Prioridade é trocar o sim pelo não.
Enriquecer os mais ricos
É ter sempre toda razão.

Música Dudu

Pois pra mim é o contrário
Prioridade é ter sempre liberdade,
É não se importar com dinheiro,
Gostar de cantar no chuveiro,
É saber contar piadas.
É procurar o que parece impossível
E sempre sonhar com um futuro melhor...
Prioridade é dividir, repartir, se divertir,
Sem nunca deixar a peteca cair...

PASSAGEM DE TEMPO. DUDU CHATEADO, EMPACOTANDO SEUS PERTENCES.
ALGUMA CRIANÇA PODE AJUDÁ-LO.

DUDU: Desisto. É impossível falar com o rei. Tem sempre alguém pra impedir. O melhor que tenho a fazer é partir...

LAVADEIRA SE APROXIMA.

LAVADEIRA: Onde vai com tanta pressa?

DUDU: Acho melhor seguir meu caminho. Por aqui não há nada que eu possa fazer. Descobri que não sou prioridade... Entende?

LAVADEIRA: Nem sei o que quer dizer essa palavra, mas se por acaso ela quer dizer importância, ou algo parecido, acho que você está redondamente enganado.

DUDU: Obrigado pelas palavras, Joana Maria, mas já decidi. Vou pegar o próximo navio, que parte daqui há meia hora. Preciso correr.

LAVADEIRA: E pra onde você vai?

DUDU: Ainda não sei, vou deixar o vento me levar. No caminho, quem sabe, dou uma parada na floresta Amazônica, vou colher algumas amostras, pras minhas pesquisas.

LAVADEIRA: Que pena...Quer dizer então que nunca conseguiste se apresentar ao Rei?

DUDU: Nunca, só o vi uma vez...Mas fui praticamente enxotado pelos seu ministro que disse que eu não sou...

LAVADEIRA: Prioridade...

DUDU: Exatamente. Sei que sua majestade gostaria das minhas ideias, mas infelizmente ele é cercado por pessoas que...deixa pra lá, não quero aborrecê-la...

LAVADEIRA: Imagine...

ELA APONTA PARA UM VIDRO DE SEMENTES.

LAVADEIRA: O que é isso?

DUDU: Uma experiência. É um tônico de barbatimão. Tem efeitos depurativos, é excelente contra o escorbuto e debilidades em geral.

LAVADEIRA: E esse aqui?

DUDU: Sementes de guaraná. Ganhei de índios que conheci. Muito bom, contém energia concentrada. Ótimo quando se está com sono e cansado. Prepara-se um suco e a energia explode. Um dia, com certeza, dará um excelente refrigerante. Pode escrever o que estou dizendo...

LAVADEIRA: Pelo que estou vendo, você entende tudo de ervas. Foram os índios que lhe ensinaram?

DUDU: Alguma coisa, sim. Eles sabem bastante, tem uma experiência prática junto a floresta, de muitas gerações. Nós devíamos aprender ainda mais com eles...

LAVADEIRA: Que pena que você vai partir... Quem sabe, você poderia ajudar o rei? Sua majestade está com uma enxaqueca terrível. Não consegue dormir há três dias e três noites...

DUDU: Coitado.

LAVADEIRA: Então, se você conseguisse, uma fórmula, um remédio que ajudasse sua majestade... Você conhece alguma receita para enxaqueca?

ELE CONSULTA UM CADERNO DE ANOTAÇÕES.

DUDU: Enxaqueca, enxaqueca...Vamos ver: (LÊ) inflamação, vermífugo, bronquite, problemas de memória, estafa, tensão muscular... diurético... também não, não é o

caso... rinite, bronquite, nefrite... cólicas, pressão alta, pressão baixa, sarna, má digestão, reumatismo, aftas, inapetência... (FECHA O LIVRO) Nada disso... Que pena, mas não posso ajudar o rei.

LAVADEIRA: Será que você não consegue uma fórmula nova?

DUDU: Não sei, talvez... Mas e o meu navio?

LAVADEIRA: Talvez ainda não seja a hora de você partir. Pense nisso. Eu volto mais tarde...

DUDU: Mas o que posso fazer para curar uma enxaqueca galopante? Que dura três dias e três noites. Talvez eu deva consultar o pajé.

ELA SAI, ELE SAI. EM OFF, OUVIMOS O GRITO DO REI, QUE SURGE EM SEGUIDA.

D. JOÃO: Ai, minha cabeça! Já descobriram o remédio?

MINISTRO: Ainda não, senhor, mas todos continuam a pesquisar. Já experimentou o chá de sete ervas da Malásia que o embaixador britânico lhe enviou?

D. JOÃO: Já, não me fale nesse maldito chá! Assim que o tomei, tive sete vezes dor de barriga. Ai, minha cabeça, não posso me aborrecer, porque dói ainda mais. O que temos pra hoje?

MINISTRO: Muitas decisões a tomar. Podemos começar por aqui... (VIRA A FOLHA) Ou por aqui.

D. JOÃO: E a minha ideia de fundar um Horto Real, com mudas do mundo inteiro? Descobriste algum lugar ideal?

MINISTRO: Sinceramente, ainda não... Temos tantas coisas mais importantes a resolver.

D. JOÃO: Como assim, mais importantes? Isso quem decide sou eu. Temos mudas do mundo inteiro, e ainda podemos conseguir mais. Falta apenas o local, e uma boa equipe para trabalhar...

MINISTRO: Sinceramente, não acho que seja prioridade...

D. JOÃO: Pois eu acho que você está achando coisas demais. Eu gostaria sim, de fazer o Horto. Que tal, ao lado da fábrica de pólvora? É um lugar bastante reservado, tem água em abundância... Bem localizado...

MINISTRO: Por isso mesmo, deveria ser usado para outros fins. Um Horto, senhor, sinceramente, seria o mesmo que jogar dinheiro pelo ralo. E o senhor sabe muito bem que dinheiro não nasce em árvores, embora o senhor goste muito de árvores...

OFF DE CARLOTA.

CARLOTA: (OFF) Meu amor, tens um dinheirinho pra mim? Já fundaste o tal do Banco do Brasil?

D. JOÃO: Por favor, Carlota, estou com enxaqueca. Tens um remédio pra mim?

CARLOTA: Infelizmente, não. Agora passa cá um dinheirinho.

D. JOÃO: Carlota, o que você acha de criarmos por aqui um Horto Real? Mandar trazer mudas de todo o mundo? Melhorar algumas espécies? Ver o que se adapta melhor ao Brasil?

CARLOTA: Ah, meu amor, se dinheiro nascesse em árvore, eu bem que gostaria, mas não é o caso. Ou você pensa que nós vamos fazer fortuna exportando sementes de jacas e cajás?

MINISTRO: Temos a mesma opinião, alteza... Esqueça essa história, sua majestade.

D. JOÃO: Mas eu acho que esse local é ideal para um horto.

MINISTRO: Sinceramente, esse local é ideal para um grande condomínio, isso sim. Já pensou? Lotearmos toda essa maravilhosa faixa de terra, e vendermos chácaras para os comerciantes mais abastados?

D. JOÃO: Como assim? Chácaras? Lotear o terreno?

MINISTRO: Isso mesmo. Estou introduzindo a especulação imobiliária aqui no território do Brasil. Tenho certeza que isso vai lhe dar muito mais lucro e satisfação do que um Horto Real. E podes crer que no futuro, seu nome estará sempre ligado ao ramo imobiliário e aos grandes empreendimentos. "D. João, aquele que pensou grande". O que acha?

D. JOÃO: Não acho nada por enquanto. Eu exijo que me encontrem um remédio para enxaqueca, o mais rápido possível.

D. JOÃO SAI. MINISTRO VAI ATRÁS. ENQUANTO ISSO, DUDU TERMINA UMA EXPERIÊNCIA.

DUDU: Agora vai. A composição é perfeita. Os ingredientes também. Só me resta o teste final. Mas parece que tenho um problema.

ELE PENSA POR ALGUNS SEGUNDOS. UM CERTO SUSPENSE.

DUDU: Antes de entregá-lo ao rei, alguém vai ter que testar... Mas quem?

ELE SE DIRIGE À PLATEIA, FAZ UMA BRINCADEIRA UM RÁPIDO NÚMERO DE PLATEIA PARA CONVIDAR ALGUÉM A SER COBAIA.

DUDU: É uma missão muito importante. Ser cobaia do rei não é para qualquer um. E se tudo der certo, depois vem a fama. Os contratos, as apresentações, entrevistas e etc. Melhor não. Pode sentar, obrigado. Preciso resolver isso sozinho. Já sei!

COM A AJUDA DE UM DOS SEUS ASSISTENTES MIRINS, ELE PROCURA EM SUAS COISAS ATÉ QUE ENCONTRA UM MARTELO BEM GRANDE, CENOGRÁFICO, E O EMPUNHA FURIOSAMENTE.

DUDU: Eu é que tenho que experimentar o remédio, certo? Quem é o mais forte daqui? Vamos ver...

ELE ESCOLHE UM ADULTO DA PLATEIA E LHE ENTREGA O MARTELO.

DUDU: Pode me acertar. Com força. Muita força. Mais! Não tanta força! Agora doeu. Vou ficar com um galho...Mas é tudo para o bem do Imperador. E agora dói, ai como dói...O senhor não devia ter batido com tanta força. É horrível ter enxaqueca. O que eu faço com essa dor de cabeça? Alguma ideia? Claro, o remédio...

A CRIANÇA O AJUDA, ELE BEBE E EM SEGUIDA DESMAIA.

DUDU: Muito bom. Tomara que funcione. Tá me dando um soninho...

DUDU FICA CAÍDO, QUANDO ENTRA A LAVADEIRA E SE ASSUSTA.

LAVADEIRA: O que aconteceu com você? Está tudo bem?

ELE SE LEVANTA, ESPANTADO.

DUDU: Passou! Passou tudo.

LAVADEIRA: Passou o que? Como? Onde? Quando?

ELE COMEMORA, DANÇA COM ELA.

DUDU: Joana Maria! Consegui criar uma fórmula contra a enxaqueca, que funciona. Está cientificamente provado.

LAVADEIRA: Então, você vai resolver o problema de D. João? Que boa notícia. Está esperando o que? Vá logo ao palácio!

DUDU: Mas aquele ministro não vai permitir que me aproxime do rei. Ele não vai com a minha cara... Diz que não sou prioridade...

LAVADEIRA: Mas nesse caso é sim!

DUDU: Mas ele não vai me receber...Tenho certeza.

LAVADEIRA: Então, fazemos o que?

DUDU: Vamos pensar.. (PAUSA) Já sei...Se não vou eu, vai você.

LAVADEIRA: Mas eu, no palácio? Só se for pelos fundos. Sou apenas uma lavadeira...

DUDU: Você “era” uma lavadeira, mas com alguns retoques e bодоques, poderá se transformar numa...curandeira eslava. Recém-chegada das terras mais frias do Norte da Europa.

LAVADEIRA: Eu? Mas que língua eu vou falar?

DUDU: Língua? Vamos ver...

ELE CONSULTA UM LIVRO QUE UM DOS SEUS AJUDANTES LHE ENTREGA E LÊ UMA FRASE.

DUDU: Kremoços trocus linquim estum já! Repita comigo...

LAVADEIRA: Mas o que isso quer dizer?

DUDU: Tradução: eu vou lhe curar já! Agora, o mais importante é o figurino. Você tem que causar uma boa impressão.

AS CRIANÇAS ENTRAM E A AJUDAM A SE TRANSFORMAR. ENQUANTO ISSO, MÚSICA, BATUQUE, E A LAVADEIRA REPETINDO A FRASE, ENSAIANDO.

LAVADEIRA: Kremoços trocus linquim estum já!

ENQUANTO ISSO... D. JOÃO COM AS MÃOS NA CABEÇA, ATORDOADO, GRITA.

D. JOÃO: Façam entrar a curandeira eslava.

ELA ENTRA, FAZ UMA REVERÊNCIA E JÁ OFERECE O REMÉDIO AO REI ENQUANTO REPETE AS PALAVRAS. MINISTRO UM TANTO RESSABIADO.

MINISTRO: Mas o senhor vai beber assim, sem ao menos...

D. JOÃO: Pior do que estou não dá para ficar.

ELE BEBE E EM SEGUNDOS COMEÇA A SENTIR UMA MELHORA. UM BREVE SORRISO APARECE EM SEUS LÁBIOS, ATÉ QUE ELE SENTE UMA DIFERENÇA E APARENTA SATISFAÇÃO.

D. JOÃO: Melhorou! Melhorou muito. Está indo embora! Que alívio. Por favor, ministro, entregue a recompensa a esta moça, como é mesmo o seu nome?

SEM SABER O QUE RESPONDER, ELA REPETE A FRASE.

LAVADEIRA: Kremoços trocus linquim estum já!

O MINISTRO, COM O SACO DE MOEDAS NAS MÃOS, FALA COM O REI, À PARTE.

MINISTRO: Senhor, acho que é muito dinheiro. Podemos entregar apenas uma parte...

ELE TIRA APENAS UMA MOEDA DO SACO E ESTENDE PARA A MOÇA.

MINISTRO: Isso aqui basta. Muito obrigadinho...

A LAVADEIRA SE ENFURECE E ESQUECE DO DISFARCE.

LAVADEIRA: Como assim? Estás pensando que nasci ontem? Agora que resolvi o problema do rei, queres ficar com a parte do leão? Comigo não, violão.

REAÇÃO DE ESPANTO DO REI E DO MINISTRO COM A SÚBITA REVELAÇÃO. ELA SE TOCA.

LAVADEIRA: Acho que falei demais...

D. JOÃO: Então, você não é uma curandeira eslava?

LAVADEIRA: Não, sou portuguesa mesmo, igual a vocês, mas vim para o Brasil pequeninha...E sou sua fã, meu rei...

O MINISTRO A INTERPELA, FURIOSO.

MINISTRO: Como ousas? Quem foi que preparou esse remédio? Precisamos saber, pode ser perigoso. Bem que lhe avisei, majestade...

DUDU ENTRA E SURPREENDE A TODOS.

DUDU: Não há nada de perigoso nessa fórmula. Fui eu mesmo quem preparei.

REAÇÃO DE TODOS, CORO DE SURPRESA, INCLUSIVE DAS CRIANÇAS.

TODOS: ÓOOOOO!

D. JOÃO: Mas porque não vieste pessoalmente me entregar?

DUDU: Porque “ele” não ia deixar.

LAVADEIRA VAI SAINDO DE FININHO.

LAVADEIRA: Agora que está tudo explicado, vou voltar para o meu tanque, que tenho uma pilha de roupa maior do que eu a me esperar...

ELA SAI.

MINISTRO: Mas isso é um absurdo!

D. JOÃO: O importante é que ele conseguiu me curar. O que é que tem nessa fórmula?

DUDU: Água de melissa. Uma maravilha... Conhecia?

D. JOÃO: Não, mas tem um cheirinho de limão, não tem?

DUDU: Exatamente. Quanta mais seca a folha, mas se percebe esse cheiro. A melissa tem poderes curativos impressionantes. É calmante, sedativa, digestiva, e age também contra a insônia, a ansiedade e a enxaqueca, que era o seu caso. Mas agora passou, não passou?

D. JOÃO: Quer dizer então que o senhor é um estudioso das propriedades medicinais das plantas...

DUDU: Entre outras coisas. Adoro plantas e... estou com umas ideias...

O MINISTRO TENTA INTERROMPER.

MINISTRO: Majestade, nós deveríamos voltar ao trabalho.

D. JOÃO: Agora não, estou ocupado, vá ver se Carlota precisa de ajuda, ou então, leve as crianças ao parquinho...

MINISTRO: Ao parquinho? Eu?

D. JOÃO: Sim, ao parquinho, e tenho dito.

MINISTRO SAI, CONTRARIADO.

DUDU: Há tempos queria lhe falar sobre isso. O senhor deveria investir mais no estudo dessas plantas tropicais. Isso sim é um verdadeiro tesouro. Essas matas do Brasil, a floresta tropical tem recursos inimagináveis. Essa melissa por exemplo, eu trouxe da Ásia, mas poderíamos adaptá-la para cá. Assim como ela, temos outras...

D. JOÃO: Também já tive essa ideia, mas sempre que falo sobre isso, meu ministro muda de assunto, diz que é um desperdício...

DUDU: Pois eu acho que o senhor deveria ouvi-lo um pouco menos e seguir mais os seus instintos...

D. JOÃO: E onde você acha que seria o lugar ideal para fazermos esse arboreto?

DUDU: Perto da fábrica de pólvora, tem água em abundância e ao mesmo tempo é um local discreto e reservado.

D. JOÃO: Sabe que pensei no mesmo lugar? Mas... meu ministro pensa em fazer lá um loteamento, uma chácara... Disse que é ideal para a especulação imobiliária.

DUDU: Uma chácara? Não! Desculpe, majestade, mas o senhor deveria pensar um pouco mais adiante, eu digo no futuro. Eu por exemplo, sempre penso no futuro. Tenho sonhos...

D. JOÃO: Que tipo de sonhos?

DUDU: Por exemplo, daqui a 200 anos. Como será que vai estar o mundo daqui a 200 anos? Será que os nossos projetos vão sobreviver tanto tempo? Como é que o senhor gostaria de ser lembrado, daqui a 200 anos? O que lhe daria orgulho? Um monumento, uma palmeira? Os seus filhos? Um imenso jardim?

D. JOÃO: Um pouco de tudo...

DUDU: Pois então comece a agir. Eu por exemplo, sou um otimista. Se o copo está pelo meio, para mim, ele está meio cheio, e não meio vazio, entende? É claro que eu sei que nem todos pensam como eu, e que daqui a 200 anos haverá sim, a tal da especulação imobiliária. Mas quem sabe, exatamente aqui, onde estamos agora, haverá também um lindo jardim! Um oásis, no meio de toda a cidade que com certeza vai crescer. Com palmeiras imperiais, plantadas há 200 anos por um imperador que decidiu construir o Real jardim Botânico, apesar de muitas opiniões em contrário. Compreendeu?

D. JOÃO: Taí, gostei... Daqui há 200 anos...Vamos ver... Vamos colocar isso no papel...Ó ministro, venha cá... Avise a todos que vou fazer o jardim. Tal e qual imaginei. E tenho dito! Porque isso agora, é prioridade!

MÚSICA, TODOS ENTRAM, CANTAM E DANÇAM.

FIM

Rio de Janeiro, dezembro de 2007